

FOLHETO

Nº...553.....

DATA 11/12/62

M. E. S.

SERVICO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA

A AMAZONIA BRASILEIRA

Tratantes de sua formação e de sua atualidade

pelo

Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis

PROGRAMA DO AMAZONAS

Belem do Pará

Novembro de 1944.







SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA

PROGRAMA DO AMAZONAS

*1944  
Folheto  
30/11/44*  
Aula proferida durante o  
2º Curso Intensivo para  
Medicos, em 1944.

BIBLIOTECA ARTHUR REIS  
MANAUS - AMAZO

Belem, Novembro de 1944.

A AMAZONIA BRASILEIRA

Flagrantes de sua formação e de sua atualidade  
pelo

Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis

O CENÁRIO - A Amazonia é uma vasta planície. Para efeito de um melhor entendimento das diferenciações brasileiras, enquadrada pelo Conselho Nacional de Geografia na primeira zona ou região brasileira. Compreende os Territórios Federais de Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé, os Estados do Amazonas e Pará, além de faixas de terras do norte dos Estados de Mato Grosso e Goiás, servidos por águas amazônicas e caracteristicamente dentro da região.

Sua principal distinção está no conjunto fluvial da bacia do rio Amazonas e das pequenas bacias que molham a região da Guiana Brasileira, no Território do Amapá, e na densidade florestal, que lhe dá a pinta mais particular e lhe equaciona, como vamos ver adiante, as condições existenciais.

O conjunto fluvial representa-se numa volumosa massa d'água que interessa o Brasil e as repúblicas vizinhas de Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia e Guiana Britânica, servindo ao nosso relacionamento com aquelas democracias e estabelecendo uma unidade regional que permite considerarmos o conjunto amazônico como um mundo particular dentro do mundo sulamericano. Com uma extensão de 6 milhões e meio quilômetros e uma velocidade que oscila entre 2 e 6 quilômetros por hora, o trecho brasileiro do Amazonas enumera-se em quasi 4 milhões de extensão.

A densidade florestal, por outro lado, fixa a paisagem que, só por exceção, se apresenta esmaecida nos trechos de campos naturais. O espaço ocupado pela floresta representa, porém, 80% de terras.

FOLHETO

Nº 553

DATA 11/12/02



luxo de detalhes e evidente sentido objetivo da realidade local, não puderam ser executadas com o sucesso imediato que se esperava. As populações amazônicas, com ânimo resistente, vencendo todas as dúvidas, voltaram-se para os outros produtos que não tinham sido abandonados, mas representavam-se, na balança da exportação, por números muito baixos. Esses outros gêneros eram, além daqueles que já conhecemos, mais a castanha, os couros e peles de animais silvestres, a balata, a que se vieram juntar a juta, experiência agrícola do sucesso impressionante, e as essências de pão rosa, de cotação alta nos mercados da Europa e dos Estados Unidos para fixação de perfumes.

Na atualidade, como decorrência de nossos compromissos em face da nossa política da boa vizinhança e da guerra de que participamos, como potência aliada e como decorrência do vasto programa de recuperação do vale esboçado pelos técnicos nacionais por determinação de S. Excia. o sr. Presidente da República, que deseja retirar a Amazonia da condição de simples página de geografia para transformá-la num sumoso e brilhante capítulo da história da civilização contemporânea, as condições econômicas da Amazonia tomam direção especial. Renovados os quadros de trabalho, reencetada a obra de conquista dos espaços que a derrota da goma explicava, restaurado o crédito pelo financiamento da produção, aumentada a rede de circulação fluvial com o emprego de maior número de embarcações, atacado o problema da integração do homem em sua saúde pela execução de medidas especiais e bem coordenadas de saúde pública e saneamento, o panorama regional tem cores mais vivas, que se animam diariamente. Continuamos o espaço imenso, reservatório de matérias primas necessárias ao Brasil na sua integração definitiva como nação industrial, é certo. Mas a atividade que estamos desenvolvendo garantem-nos perspectivas sem sombras inquietantes.

A Amazonia, permitam para concluirmos esta caricatura que repetamos a afirmativa inicial, é uma imensa rede hídrica e uma densidade florestal desmedida. Que realizou nela o homem? Um dos observadores mais severos e exatos das coisas amazônicas, Euclides da Cunha, concluiu que sendo a Amazonia como que a última página do Gênesis, o homem estava ali presente ainda como um intruso com um rendimento de atividade insignificante.

Ora, no decorrer desta conversa, tivemos a oportunidade de verificar que o esforço do homem tem sido dramático e de certa maneira notável. De sua energia criadora, apesar de todas as forças negativas que o perseguem, podemos ter um índice expressivo nos dois centros urbanos de que se orgulha - Belém e Manaus, que ele construiu dentro da melhor técnica que foi possível, na região equatorial, dando-lhes todas as características dos centros urbanos progressistas e trabalhados com gosto arquitetônico e servidos de todo o equipamento que as cidades modernas exigem.

No tocante à economia, demonstração melhor de sua capacidade, os êxitos que alcança sobre a floresta têm qualquer coisa de espetacular. Se a economia que resulta dessa pugna é ainda uma economia de caracter destrutivo, nem por isso podemos descrever desse homem ou desse ambiente. As riquezas florestais em potencial exigem e continuam a exigir esse esforço sobre a floresta. O homem amazônico, por outro lado não pode abandonar suas atividades repentinamente, despresando o que criou em dois séculos de trabalho para ajustar-se a outros tipos de civilização econômica. A Amazonia é, evidentemente, o maior parque de matérias primas do continente, matérias primas que proporcionamos aos nossos demais irmãos do mundo americano e a todos os povos animados do espírito de fraternidade humana. Mas é, também uma das páginas mais eloquentes da capacidade e da coragem dos brasileiros.



Nêsse mesmo ciclo, comissões de limites trabalharam como ainda trabalhava a que tem a chefia do comandante Braz Dias de Aguiar, na demarcação das nossas fronteiras políticas. Assistiu por fim, essa etapa de agora, ao primeiro planejamento da organização social e econômica do vale, com o decreto de 1912, que fixou os aspectos do problema amazônico e preparou o clima para as tarefas de magnitude que ora se executam para a recuperação regional.

Esse esforço de recuperação envolve a colonização, a regulamentação e o aumento da produção, a tarefa de saneamento, o reequipamento financeiro e técnico. Em 1852, inaugura-se a Província do Amazonas, que tirava raízes da antiga Capitania de São José do Rio Negro. O retalhamento político-administrativo, necessário, como um melhor complemento dessa tarefa de brasilidade em execução, completou-se agora com a criação dos Territórios Federais de Amapá, Rio Branco e Guaporé.

A ESTRUTURA ECONÔMICA - A economia amazônica foi e é caracterizada pela indústria extrativa. Seus estádios econômicos podem, todavia, ser divididos em três. No primeiro, o homem da Europa, penetrando a região, descobrindo-lhe as riquezas naturais mais à vista, servindo-se, para tal, da informação do gentio, servindo-se do seu braço e da sua inteligência para a tarefa da coleta e do beneficiamento rudimentar da matéria prima. E exportou para Lisboa essa riqueza que se imagina capaz de substituir a especiaria oriental, então a escassear pela atrevida concorrência que aos portugueses começavam a fazer outros povos europeus interessados no negócio colonial. Essa especiaria era representada, a êsse tempo, pelo cacão, pelo cravo fino e grosso, pelo urucú, salsaparrilha, canela, quina, puxirí, casca preciosa, baunilha, pita, algodão, carajurú, sementes oleaginosas, canafístula, madeiras. Toda ela encontrava preço compensador nos mercados europeus, onde as utilizavam na farmacopéia, na condimentação e em outras utilidades, domésticas ou não. As madeiras serviam na construção de embarcações e de edifícios públicos. Palácios portugueses, particulares ou do Estado, foram construídos com o madeirame que se solicitou à Amazonia. O Palácio de Queluz, com que o rei D. José pretendia responder ao Francês de Versalhes, foi erigido com as espécies da floresta amazônica.

Êsses gêneros, encontrados em estado selvagem, colhidos por imensas flotilhas de canôas de sertanistas, por fim vieram a ser cultivados nas propriedades que se montaram nas cercanias de Belém e nas regiões circunvisinhas.

A êsses gêneros florestais, devemos acrescentar os de origem animal, principalmente os da espécie ictiológica. O homem da Amazonia, nêsse estádio, como nos estádios posteriores até o presente, pescou o pirarucú, pescou o peixe-boi e agarrou as tartarugas. Salgou-os e exportou-os largamente. Fez um negócio rendosíssimo, embora adotando, ontem como hoje, os processos mais primitivos, rústicos, de origem indígena.

No segundo estádio, que começa com as advertências e instruções emanadas, ainda no período colonial, do Marquês de Pombal e seus delegados na Amazonia, lavrou-se a terra intensamente e colonizou-se o espaço que se foi rasgando na floresta, a fogo. Trouxeram-se instrumentos apropriados, experimentou-se o grão com resultados pouco animadores. Plantou-se arroz, cana, algodão, cacão, café, tabaco. Continuou a exploração das espécies nativas. O volume da produção cres-



dominador, imaginou-se na p[oss]e de uma liberdade que poderia leva-la a substituir êsses mesmos dominadores inclusive na p[oss]e dos haveres privados. E a guerra civil, de fundo social, veio a furo com tremendas consequências. Bandos de rebeldes apossaram-se de quasi toda a Amazonia. Um nordestino de 21 anos, Eduardo Angelim, comandou a rebelião, repelindo propostas de estrangeiros para retirar a Amazonia da companhia brasileira e contendo seus companheiros nos excessos a que se entregavam aqui e ali. Soldados eminentes do Império, funcionários civis, sacerdotes, proprietários rurais, comerciantes, burgueses, homens do trabalho, escravos negros, todos os elementos, enfim, qua compunham os vários grãos da sociedade amazônica, participaram d[oss]e drama de heroísmo e de sangue. Quarenta mil vidas pagaram os excessos partidários da guerra civil. Toda a vida econômica da região ficou comprometida. Proprietários que possuíam milhares de cabeças de gado viram-se, da noite para o dia, reduzidos a três e quatro animais. A seivosa demonstração cívica criara um passivo imenso.

A restauração econômica, social e política foi a obra a que se entregaram as gerações saídas do entrevero. Obra silenciosa, para a qual todos trouxeram a sua partícula. Descobriram novas especiarias, novos tipos comerciáveis na flora e na fauna regionais. Mercês providências governamentais, começavam a sulcar as águas do Amazonas e de seus afluentes principais, indo as linhas até Nauta, no Pará, os barcos a vapor, revolução que um homem de genio, Irineu Evangelista de Souza, Visconde Mauá realizava com os seus capitais, com os capitais mobilizados na propria Amazonia e aquela vontade pragmática que tanto lhe distinguia as atitudes. Começava evidentemente o quarto ciclo. Os estadistas imperiais, com os homens que criavam a riqueza na hinterlandia, sem mais ou entretuchos políticos, atiraram-se à empresa da contribuição do extremo-norte para a economia e a finança do Império. Romperam-se os misterios que ainda o envolviam. Penetraram-se novos cursos d'água, como o Madeira e o Juruá. Era o ciclo da borracha que vinha inaugurar um novo estadio na economia brasileira. Um movimento migratório sensacional, de que participaram mais de cem mil brasileiros do nordeste, do Ceará principalmente, caracterizou o momento. As linhas de penetração colonial foram rompidas. Os sertanistas avançaram pelo coração da floresta, repetindo os episódios do bandeirantismo colonial. Vem a pelo recordar um nome Joao Gabriel de Carvalho e Melo, pioneiro a quem devemos o descobrimento dos seringais do Acre, para onde levou os primeiros povoadores. Atraz deles, as multidões vieram chegando para a batalha. Nem o índio nem a agressividade ambiente conseguiram fazer estacar a marcha. Chegamos, assim, a extremos da fronteira. Atingimos e ocupamos o alto Acre, o alto Purús, o alto Juruá. O que compõe, na actualidade, o Territorio Federal do Acre, é uma consequência dessa marcha admiravel, que provocou incidentes com os nossos vizinhos peruanos e bolivianos, incidentes resolvidos em beneficio da boa harmonia e da boa vizinhança continentais.

O quarto ciclo assistiu a abertura do Amazonas à navegação mundial. Foi um passo decisivo para a nossa integração na vida universal. Nêsse quarto ciclo, rondas de cientistas percorreram a Amazonia, estudando-lhe todos os motivos fisiográficos e de naturalística. Os Bates, os Wallace, os Chandless, os Huber, os Glynn de Paiva, os Hart, os Silva Coutinho, os Torquato Tapajóz, os Rondon e seus companheiros, estudaram, descobriram, provocaram sensação com o que apuraram.



Até então, além dos Regimentos particulares dos Capitães-mores e dos Governadores e demais funcionários, o grande texto era o chamado "Regimento das Missoes", que regulava a vida nos burgos indígenos sujeitos à vigilância e à intervenção dos missionários. Com a retirada desses, o irmão de Pombal decretou, sob aprovação real, o "Regimento do Diretório", novo estatuto que consubstanciava as linhas centrais do Regimento das Missoes e o que a experiência e a filosofia liberal começaram a indicar para o contáto com as multidoes gentias.

Os missionários eram acusados de planejar a criação de um estado aparte, de índole teocrática. O regimen a que obedeciam eles e seus catecúmenos era semelhante aos das missoes paraguaias. Como lá, a experiência que se tentou com a novidade leiga foi desastrosa. As massas indígenas não estavam preparadas para a novidade e o resultado foi o regresso de tribus e tribus ao recesso da floresta, de onde as foram "descer" os funcionários civis e militares para reintegrá-las nas novas posições sociais a que a lei as elevava.

Esse segundo ciclo, por outro lado, foi assinalado pela obra notável de reconhecimento científico dos grandes cursos d'água, tarefa de que se incumbiram técnicos lusitanos e estrangeiros a serviço de Portugal. Procurava-se, então, regularizar o problema das fronteiras com os territórios espanhóis de Nova Granada, Alto e Baixo Perú, Capitania de Venezuela. Comissoes de demarcadores trabalharam nessa oportunidade com um devotamento especial, logrando resultados memoráveis que enriqueceram os conhecimentos sobre a geografia amazônica, desde a geografia física à geografia humana. Cabe aqui referir dois nomes que precisam ser recordados - Manoel da Gama Lobo d'Almada e Alexandre Rodrigues Ferreira. O primeiro exerceu funções políticas e técnicas em vários distritos amazônicos. Governou a Capitania de São José do Rio Negro e chefou a comissao portuguesa de limites, após ter feito reconhecimentos geográficos nas bacias dos rios Negro e Branco e ter verificado as possibilidades de comunicação das bacias do Negro e Japurá-Solimões. O segundo, natural da Baía, naturalista, indagou com um critério especial, por ordem régia, todos os aspectos da formação social da região, apurando também quanto lhe foi possível da botânica e da fauna amazônicas. Seus trabalhos, anos depois desbaratados pelo cientista Geoffroy de Saint Hilaire, deram-lhe alta nomeada. Chamamos-lhe Humboldt Brasileiro. Situamo-lo ao lado de Félix de Azara, Caldas e Mutis, que por essa mesma época realizavam tarefa semelhante no Prata e na Colombia.

Com o malestar criado com a Revolução francesa, que impoz um estado de alarme na Amazonia, e posteriormente com os pronunciamentos dos hispano-americanos vizinhos, encerrou-se o segundo ciclo histórico. As idéas liberais, apesar de todo o esforço das autoridades absolutistas, chegaram e impressionaram as populações amazônicas, as quais tomaram atitude antes de quaisquer outras dos demais trechos do Brasil, iniciando a era liberal-democrática que levou a Província, depois de sangrentas demonstrações, a integrar-se no Império que o Brasil passava a constituir na sul amériça.

A era liberal-democrática foi experimentada no seu início, na Amazonia, por entre os conflitos partidários mais extremados. Entre 1821 e 1840, a Amazonia viveu comções sangrentas. Seus homens lutaram de armas na mão por seus ideais. Nenhum distrito do Brasil-Império conheceu as mesmas desventuras partidárias. A massa gentia, recebendo a nova da independência como um ajuste de contas com o



Jari, o Negro, o Branco, o Madeira, o Japurá, o Tapajós, o Xingú, o próprio Tocantins-Araguaia, foram penetrados e reconhecidos. Com a penetração de sentido político-econômico, realizava-se o reconhecimento geográfico, primeira identificação fisiográfica e geohumana da Amazonia.

Nessa marcha expansionista, os sertanistas brasileiros do norte encontraram-se com os bandeirantes que desciam de São Paulo pelas águas do Tocantins-Araguaia, Tapajós e Madeira-Mamoré-Guaporé. A irradiação, por outro lado, conduzia-os ao Maranhão, ao Napo, ao Aguarico, ao Coca, ao Oiapoc e ao Cassiquiare-Orenoco. Atingiam, assim, águas de bacias estranhas ao Amazonas. E no empreendimento, marcaram com sua presença fronteiras que os diplomatas nem sempre poderiam, mais tarde, sustentar para o Brasil nascente.

Seis Ordens Religiosas, a essa altura, compareceram à região, no afã catequista, logrando resultados admiráveis. Estudaram a terra, estudaram o homem. Programaram a valorização da Amazonia. Dois Jesuítas, Luís Figueira e Antonio Vieira, arquitetaram a criação de um grande império ultramarino nas selvas tropicais do extremo-norte brasileiro. Milhares de bandos indígenas aceitaram o domínio pela intervenção desses europeus de batina, que lhes falavam uma linguagem cordeal e lhes defendiam a liberdade. O drama mais impressionante talvez não fosse, então, àquele da criação do espaço político, mas o que em parte dele decorre e era o da luta pela liberdade. O homem que trazia a técnica da Europa e pretendia desprezar a cultura das massas gentias, desejava-o para tudo. E o escravizava. O Religioso, combatendo pela liberdade, negando desde aí qualquer significado à superioridade de raças ou de pigmentação ou de culturas, pregou destarte a igualdade.

Na segunda fase, o domínio se processou sob fundamentos econômicos e políticos mais firmes. Até então, o aparelhamento estatal era rudimentar. Na Amazonia, as autoridades tinham uma jurisdição limitada. Subordinadas aos Governadores do Maranhão, deles recebiam ordens e instruções. Pequenos trechos do grande espaço eram entregues a fidalgos e soldados venturosos da conquista para a experiência de tipo feudal das capitanias hereditárias.

Nessa segunda fase, o equipamento político-administrativo operou-se com certo luxo. Belém ensaiara seus primeiros passos em 1616. Sua posição geográfica indicava-a para o comando da vida que se erguesse no extremo-norte. De lá saíam as expedições de descobrimentos. Como que servia de atalaia para a defesa da região. Como Buenos Aires, para o Prata, domina o largo estuário amazônico, serve de grande porta política à região, projetando-se para grandes dias futuros. Nessa segunda fase da evolução política da região, os homens públicos que vêm servir os propósitos progressistas e reformistas do Marquês de Pombal, mudaram-se para ela onde sediaram a alta administração do mundo amazônico brasileiro. Criaram-se cargos, obrigações, serviços, trouxeram-se emigrantes, lavrou-se a terra, organizou-se um vasto plano de trabalho, construíram-se edifícios públicos e militares, civis e religiosos de grandiosidade arquitetônica. Homens de alta importância no Reino vieram governar a Amazonia. O próprio irmão de Pombal veio inaugurar essas transformações violentas que principiaram com a retirada drástica dos Religiosos que não se amoldavam aos planos oficiais. Nas aldeias montadas por esses Religiosos, instalaram-se edilidades e funcionários com encargos administrativos. Criaram-se vilas e povoados.



oriental plantada, o saneamento do vale. Osvaldo Cruz foi chamado a orientar as providencias oficiais. Resultou, essa iniciativa administrativa, no planejamento de medidas que incluíam o estabelecimento de pequenos hospitais, o equipamento dos seringais com a assistência médica aos seringueiros, a recuperação das cidades e vilas pelos trabalhos de engenharia sanitaria e a defesa da saúde com mil outras determinações que, se executadas, teriam resultado na maior realização sanitaria de todos os tempos, Osvaldo Cruz riscou seu plano, depois de um estudo minucioso. Seu relatório, com a legislação então decretada, se ainda hoje as melhores fontes para o conhecimento da solução dos problemas sanitarios do vale, da mesma maneira por que são as raízes da atual campanha do SESP.

AS QUATRO ÉPOCAS DA VIDA HISTÓRICA - Dentro dos três ciclos da história político-institucional brasileiro, a formação da Amazonia apresenta -se perfeitamente distribuida em quatro grandes épocas - a da conquista, a do dominio, a da experiência liberal-democrática e a do ouro negro.

Na primeira, assistimos à chegada dos europeus que vieram descobrir a terra e montar os primeiros estabelecimentos para a instalação do dominio. Então, êsses europeus que eram espanhóis como Francisco de Orelana e Ursúa-Aguirre visitaram a terra de oeste-leste, descreveram-na ao Velho Mundo, pintaram-na como velozinos maravilhosos que deviam ser, quanto antes, desvendados e explorados para o bem estar material e o enriquecimento da Europa. A Amazonia aparecia no cartaz dêsses viajores e descobridores sensacionalistas como nas reportagens de nossos dias dos jornalistas norte-americanos. A Amazonia era o Eldorado cu parte integrante dêsse Eldorado que movimentava heróis e agitava os espíritos mais calmos.

Vieram, a seguir, os portugueses e os mamelucos do nordeste brasileiro que combateram os Tupinambás, a lhes embaraçarem os propósitos conquistadores, e os concorrentes vindos de Batavia, Irlanda e Britania. Organizados em empresas de amplos capitais e sob o apoio dos governantes ingleses e holandeses, êsses concorrentes deram dôres de cabeça, exigiram coragem, bravura, energia e vontade de vencer. Nenhuma dessas virtudes desertou dos luso-brasileiros. E os concorrentes foram postos fora, depois de réregas que principiaram em 1616 e se estenderam até 1631.

A conquista, então pôde tomar direção mais firme. Colunas de sertanistas, em flotilhas guiadas pelo gentio, sem cuja colaboração, sem cuja inteligência, sem cuja aptidão, sem cujo suor nenhum passo se pôde dar na hinterlandia, partiram em direção norte e oeste. Pedro Teixeira, bandeirante máximo da regio, subiu o Amazonas e passou a Quito, no Equador. Na baixada, indicou a existência de um mundo interior que era necessária alcançar permanentemente e onde se guardavam riquezas incontáveis. O romance dos primeiros dias volta a escrever-se. Um cronista cheio de seiva, Frei Cristovam de Acuna, deu panoramas e flagrantes deliciosos que convidavam à façanha.

E as Tropas de Resgates, que objetivavam agarrar o bugre da hinterlandia para os mercados de escravaria vermelha de Belém e São Luís, as Tropas de Guerra, que iam semear postos militares e conter os vizinhos que desejavam o mesmo espaço, as Tropas de sertanistas que procuravam a especiaria nativa e abundante, atiraram-se à empresa numa atividade incessante. Os grandes afluentes do Amazonas, como o



limitada pelo Ramos, Maués, Canumá e Madeira.

- Piassabeiros - vivem no Rio Negro. Extraem a piassaba, exportada para o Sul e para os Estados Unidos.

- Lavradores da Estrada de Ferro Bragança são nordestinos e seus descendentes. Lavram a terra, abastecendo os mercados de Belém, com os cereais de que se alimentam. Plantam também algodão.

- Lavradores de cana, cacáu e juta. Vivem os primeiros nos municípios de Abaeté, Igarapé Mirí e Muana. Plantam cana e fabricam açúcar de má qualidade e cachaça. Os segundos vivem no Tacantins, na região de Obidos e Santarém, Parintins e Itacoatiara. Constituíram um dos grupos mais fortes no final do período colonial e nos cinco primeiras décadas do século XIX. São atualmente uma expressão secundária. Os últimos constituem o grupo mais novo. São cabôclos que aprenderam, com os japoneses da colônia de Parintins, onde começaram a trabalhar, a cultura da juta indiana. Vivem entre Parintins, Silves, Barreirinha, Faro, Oriximiná e Obidos.

- Pescadores marítimos e fluviais. Na generalidade, o homem amazonico é pescador. Pesca para alimentar-se. Pesca também como atividade econômica. Então esse pescador vive no litoral, entre Bragança, Vigia e a costa Marajoara. Vai ao alto mar com a mesma intrepidez do pescador, do jagadeiro nordestino. Vive em colônias, sob orientação da administração federal. Os pescadores fluviais distribuem-se pelo Solimões, Juruá, Purús e Rio Branco. Pescam o pirarucú, a tartaruga e o peixe boi, que imediatamente beneficiam por processos primitivos.

- Creadores - Os do Marajó são cabôclos e negros, descendentes de escravos. Têm a agilidade dos pastores nordestinos. Os do Baixo Amazonas são cabôclos. Os do Rio Branco são nordestinos, principalmente paraibanos, que também fazem uma pequena lavoura, e cabôclos.

- Garimpeiros são os trabalhadores dos garimpos do Rio Branco, na orla litorânea com a Venezuela.

Esses homens, assim distribuídos de acordo com suas atividades econômicas, conseqüentemente sem que atendessem às suas características antropológicas físicas e sim, de alguma maneira, às suas características antropológicas culturais, são desnutridos. Alimentam-se de pescado, farinha, bebem assaí. Recebem salários irrisórios, quando recebem esses salários. Não conhecem quase assistência médica. Adquirem os gêneros de que têm necessidade, como as próprias roupas, por preços desmentidamente altos. Amam os dançarás, que lhes perturbam os índices de produtividade.

As cidades e vilas da hinterlândia não possuem condições de bem estar que sejam incentivo aos grupos dos povoados e sítios para melhoria de vida. Seus quadros demográficos são expressivos pelos algarismos de mortalidade que apresentam, principalmente das idades infantís. Ante essas perturbações profundas e violentas produzidas pela desnutrição e pelos surtos paludicosos e das outras endemias e epidemias que têm assaltado a Amazonia, constituindo grosso capítulo da geografia das calamidades nacionais, o aumento populacional no vale tem sido vagaroso. Entre 1745 e 1749 por exemplo, ~~uma~~ população de menos de 100.000 indivíduos, houve 40.000 baixas provocadas pela epidemia da varíola, que só em Belém fez 7.600 vítimas.

Na administração Hermes da Fonseca, programou o Governo Federal, com a valorização da borracha, ante a ofensiva da goma



criou, depois constroee a habitação de madeira ou de adobe, rodea-a de jardim, planta á volta o roçado para a alimentação diária, impoem-se um conforto material menos primitivo. De ambos, fez o perfil psicológico um escritor da Amazonia, Alfredo Ladislão.

Dissemos que cabôclos e nordestinos compõem, com tarefas dessemelhantes, o fundo da paisagem social amazonica. Com a paisagem social, acrescentemos, compoem igualmente a paisagem economica, que permite as distincões negessarias a uma melhor caracterisação dos dois grupos para a distribuição dos grupos brasileiros.

A classificação dos grupos sociais brasileiros, é certo, nao foi ainda objeto de uma atenção especial. Silvio Romero, Tristão de Ataíde, entre outros, tentaram classificação, atendendo a circunstancias de vida, de formação étnica, de regiões onde a humanidade nacional exerça suas atividades, etc. Todas essas tentativas, todavia, tao precarias, que estão a exigir, aliás como já percebera Silvio Romero, a classificação preliminar dos grupos regionais, provinciais, para que se possa posteriormente realizar a classificação geral dos grupos brasileiros.

No caso particular da Amazonia, José Verissimo estudou os tipos tapuios, examinado-lhes as peculiaridades, como Araújo Lima esquemou outros tipos, neles incluindo o homem vindo do nordeste para a aventura da borracha. As populações amazonicas, evidentemente devem ser estimadas, insistimos como de origem indigena local ou de origem nordestina, esta com fundo igualmente indigena, como sabemos. Elas se distribuem, porém, pelo espaço amazonico, diversificando-se quanto a certas atividades que exercem, as quais nos permitem esboçar ou aventurar uma classificação. Assim, os homens da Amazonia podem ser distribuidos, em função de suas atividades, como: seringueiros, seringalistas, balateiros, caucheiros, castanheiros, madeireiros, coletores de couros e peles, guaranaseiros, piassabeiros, lavradores da estrada de ferro, lavradores de cana, cacáu e juta, pescadores marítimos, creadores do Marajó, Baixo Amazonas e Rio Branco, garimpeiros do Rio Branco.

- Seringueiros são os trabalhadores da borracha, geralmente cearenses, á medida que se penetra a alta hinterlandia.

- Seringalistas são os proprietarios de seringais, geralmente antigos seringueiros, que venceram o meio e conseguiram subir um degráu da escada social.

- Balateiros são os extratores de balata. Vivem principalmente no rio Negro e no rio Branco.

- Caucheiros são os extratores de caucho. Operam geralmente na fronteira com o Perú e Bolivia, zona mais rica em caucho. São geralmente peruanos.

- Castanheiros são extratores de castanha. Operam no Tocantins-Araguaia, Solimões, Madeira, Purús, Trombetas.

- Madereiros são os coletores de madeiras, que pescam nos rios, salvando os toros que as aguas do Amazonas, Madeira e Juruá arrastam. Vivem geralmente ás margens do Amazonas, na região das ilhas.

- Coletores de couros e peles são os operarios que buscam, na floresta, os especimens animais que lhes servem para extrair os couros e as peles, negocio rendoso. Habitam em todo o espaço ecumenico amazonico.

- Guaranaseiros são os descendentes de Mundurucús, Muras e Maués, que habitam a região da Mundurucania e plantam e beneficiam o guaraná, que exportam para Mato Grosso. A Mundurucania é a região de-



barbadianos e áirios. Os norte-americanos procuraram o Pará, após o desastre sulista da guerra de secessão. Estabeleceram-se em Santarém, na região banhada pelas águas do Tapajós onde encontramos agora os estabelecimentos Ford. Os japoneses tentaram agrupar-se nas colônias de Maués, Parintins, Tomé-Assú e Monte Alegre. Falharam inteiramente como contingentes coloniais. Apenas em Parintins introduziram, com a ajuda do braço do nativo, que prossegue no empreendimento, a cultura da juta, trazida da Índia. Os sírios comerciam nas cidades, ou a bordo dos bazares ambulantes que os cabôclos movimentam com os seus remos. São os regatoes, nomes que atribuímos aos mercadores fluviais, tipo que começou no período colonial com o próprio português.

Quanto aos contingentes nordestinos, antecedidos pelos contingentes maranhenses, esses somaram mais de cem mil indivíduos só entre 1870 e 1889. Chegaram à Amazonia, forçados a princípio pelos rigores das secas violentas que lhes impossibilitavam a vida. Continuam desembarcando na região, em consequência dos planos oficiais de recuperação econômica do grande espaço amazônico. Foram movimentadores do ciclo do curto negão, como descobridores de seringais, penetradores da floresta e impulsionadores da fronteira na direção sul. Quando se fala em Amazonia, geralmente se lhes atribue todo o desbravamento e conquista da região. Já vimos que nessa tarefa foi parte impressiva a multidão cabocla, que, no fim de contas guiou os contingentes nordestinos aos altos rios e lhes ensinou a adaptação à floresta. Caboclos amazônicos e seringueiros nordestinos completando-se, finalmente, deram cor à paisagem social.

Constituem, consequentemente, dois tipos singulares, que vivem o mesmo ambiente geográfico, com tarefas dessemelhantes, mas com pondo a sociedade da hinterlândia.

O cabôclo continua caçando, pescando, colhendo a espécie nativa, colhendo os toros de madeira que os rios empurram em direção ao Atlântico, remando as canoas, ingressando nos corpos de água, vivendo a vida primitiva que sua situação econômica e física permite. Sua alimentação é frugalíssima. Contenta-se com o que lhe dão os rios e lagos piscosos, a farinha que sabe fabricar como ninguém e os subsídios que a floresta lhe fornece. Agasalha-se em habitações rústicas, construídas com a palmeira e o esteio de madeira que solicita à floresta vizinha. Sua família é geralmente grande. Sua distração é justamente o aumento da família. Vive às margens dos rios e lagos. Não tem ambições. Dá, à primeira vista, a impressão de que é um vengido ou um desajustado ao meio. Não tem estatura elevada. De complexão física de pequeno vulto. Sabedor, como ninguém, de quanto diz respeito ao ambiente. Canoeiro admirável. Mateiro sem rival. Silencioso, sem expansividades gritantes, mas profundamente cáustico nas frases molles que expressam seu desapontamento ou lhe revelam o espírito crítico e vingativo a agressão ou o desdém do advena.

O nordestino, vibrante, cheio de disposição para construir seja o que fôr, é o seringueiro por excelência. Habitua-se à floresta, revelando-se um ótimo discípulo, aprende com o cabôclo a integrar-se no novo ambiente. Trabalha a terra quando se lhe abre uma possibilidade. Tem agilidade e espírito combativo. Família grande. Atira-se pelo desconhecido sem hesitação. Tem consigo uma bravura espetacular. Nos entreveros do Acre foi soldado magnífico, servido de sentimento cívico notável. Não considera sua habitação como o cabôclo amazônico. Se, no primeiro momento, cede e habita nas do tipo que o cabôclo



As gentes européas foram, grosso modo, os lusitanos do Reino, chegados para governar, para tomar conta da terra na condição de senhor, para ter em mãos a direção da coisa pública e da coisa privada. A esses contingentes reinóis que, é de ver-se logo, nunca se amalgamaram impressionantemente, vieram desde o século da conquista reunir-se, com certo vulto, os imigrantes das ilhas dos Açores, transportados aos casais e conduzidos para as tarefas agrárias, pelo que lhes foi, de pronto, entregue a terra e o necessário instrumental da época. Por fim, devemos considerar as pequenas colônias de suíços, irlandeses, ciganos, que deram pouco de sua presença, não sendo ainda por esquecer-se os lusitanos do estabelecimento fortificado de Mazagão, na África, que deram origem a Nova Mazagão e Tentugal, dois sítios urbanos que se estiolaram e são hoje mais reminiscências histórico-geográficas.

A contribuição africana não teve uma expressão forte. O negro não encontrou ambiente na Amazonia. Não havia capitais para adquirir a mercadoria negra. O meio geográfico, por outro lado, exigia mais do próprio gentio, que lhe sabia os segredos e podia cooperar de maneira mais impressiva e mais abundantemente quanto aos resultados. Em todo caso, as avaliações falam em menos de 25000 africanos que teriam sido trazidos no período colonial, a que se somou pouco mais no ciclo seguinte até a legislação libertária de 13 de Maio de 1888. As duas Províncias do vale, às vésperas daquela providência, não possuíam mais de 20000 escravos. Antes mesmo do ato imperial, a Província do Amazonas declarara livres todos os homens que vivessem em seu território. A influência do negro, em consequência, foi insignificante, numa população que, a essa altura, somava 400.000 indivíduos.

A multidão indígena, essa foi realmente a que dominou, como dominam na atualidade seus descendentes diretos. Os índices quantitativos, para caracterizar-lhe a importância, são todos precários. Mas não será excessivo afirmar que foi essa multidão, ainda no presente inumerável a rigor, que povoou e marcou os índices mais fortes do passado e, de certo modo, da atualidade humana da Amazonia. As comissões demarcadoras das nossas fronteiras ainda agora encontram, no braço e na inteligência objetiva dos bugres da hinterlandia, os melhores elementos para a consecução do êxito que se asseguram no decorrer de seus trabalhos.

Com ela, sob incentivos do Estado português, que concedeu terras, isentou de taxas o que essas terras produzissem, processou-se a miscogenação intensiva, experiência social interressantíssima que está merecendo um estudo particular dos nossos sociólogos. Os descendentes desse cruzamento, dessa mestiçagem oficializada, em que a outra parte foi o elemento reinól, porque era proibida a miscogenação com o africano, constituem o fundo da população amazônica, desde seus traços físicos às características sociais, todas de uma evidência eloquente. O que nós chamamos presentemente de tapuio ou cabôcio é justamente esse homem novo formado pelo cruzamento que se operou, em larga escala, sob o objetivo inequívoco de preparar a sociedade que devia resistir aos imperativos regionais.

A esses três elementos vieram reunir-se, depois da independência, imigrantes estrangeiros e nordestinos. Os estrangeiros, sem volumosa significação e representados por italianos, ainda portugueses, fixados esses nas cidades e vilas geralmente como simples comerciantes de secos e molhados, espanhóis, norte-americanos, japoneses,



lo vigário de Moura. No cido da cabanagem, foi ainda êsse gentio canoeiro que zombou dos navios das esquadilhas do governo fugindo-lhes ao alcance, pelos paranás, furos, lagos, cassiquiris e igarapés, evidenciando suas qualidades navegatórias, que o ambiente explicava.

Na selva, colheram os nativos amazônicos a matéria prima com que fabricaram as suas rêdes, teceram e construíram os seus utensílios diários. Na selva, abateram as aves, cujas penas trabalharam com um carinho e sentido artístico especiais para seus colares e mais adôrnos. Da flôra, buscaram as espécies e as tintas com que decoraram e prepararam os artefactos de sua indústria doméstica ou nao. Na região da Mundurucania, os Maué descobriram os efeitos curativos do guaraná, que cultivaram e adotaram como elemento necessário ao vigor da raça. No Solimões, os Cambebas, descobriram as seringueiras, de cujo leite fizeram bolas, sacos e outros utensílios.

No Marjô, em Santarem, em Muiracanguera, entre Tefé e Coarí, grupos ainda nao bem identificados, que ali viveram, trabalharam na cerâmica, e a cerâmica é, como sabemos, um dos documentos mais importantes para considerar o grão das culturas dos primitivos, revelando-se na posse de um sentido artístico elevado. Os nossos museus, como muscus europeus, guardam peças verdadeiramente maravilhosas, fruto da sensibilidade daquelas gentes e do grão de cultura espiritual que haviam atingido por occasia da conquista europeia.

Essa conquista, compreende-se perfeitamente, trazendo culturas novas, perturbou profundamente o processo evolutivo normal das culturas nativas, desajustando-as ou procurando destrui-las integralmente. Nêsse particular, ocorreu, porém, a nota curiosa da resistência das culturas nativas. Os nativos, por exemplo, recusavam falar português. Ainda hoje, quem se lhes dirige nos dialetos em que expressam suas idéas e vontades, deles recebe a imediata e fácil ajuda, o que nao acontece aos que lhes solicitam a cooperação ignorando-lhes os falares. Por outro lado, continuemos a exemplificar, todas as pintas sociais e econômicas, partindo dos tipos antropológicos à alimentação, aos costumes domésticos, aos múltiplos aspectos de viver diário, pagam seu tributo ou sao unicamente ainda manifestações dos hábitos, das atitudes, das dietas, das atividades que distinguem os homens das selvas amazônicas. No tocante à alimentação, os "quitutes", os pratos do diário, sao pura alimentação indígena: os peixes, moqueados ou tratados pelos processos indígenas; a farinha, deitada numa guia d'água, constituindo o chamado "mibé", prato de resistência que nao falta à mesa do amazônico; o assai, bebida feita do fruto de uma palmeira e saboreado em todas as refeições, muitas vezes até, convenientemente adubada pela farinha, servindo de único alimento durante dias e dias.

As culturas indígenas da Amazonia, sumariamente indicadas nos seus índices materiais e espirituais pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, sao culturas pragmáticas, como podemos verificar pelas suas resultantes nos nossos dias, resultantes que se expressam nas pintas sociais e econômicas, eloquentemente caracterisadoras.

OS NÓDULOS SOCIAIS - Os contingentes humanos que entraram na composição social da Amazonia representaram-se, inicialmente, como nas outras partes do Brasil, pelas gentes europeas, pelos grupos gentios e pelos trabalhadores africanos, importados para as empresas agrárias que se tentavam.



AS CULTURAS PRIMITIVAS - Os europeus que vieram fazer a conquista da Amazonia, fosse penetrando-a pelo Atlantico, fosse pela via peruana, portanto partindo das margens do Pacifico, encontraram-na habitada e dominada por multidoes gentias que, ora de pronto lhes procuraram barrar o passo, ora com elles se acamaram, ajudando-os na façanha da conquista e com elles colaborando, posteriormente, na criação da riqueza e da nova sociedade.

Essas multidoes gentias nunca poderam ser inventariadas no aspecto quantitativo. Falavam os cronistas do descobrimento em centenaes de tribus, consequentemente muitos milhares de individuos compondo essas tribus. Alguns deles descreveram povoados às margens do Amazonas que reuniram multidoes como as cidades vertiginosas de hoje. Evidentemente um exagêro. Ainda hoje será difficil avaliar com a segurança necessária esse quantitativo indígena, embora elas estejam reduzidas, sob qualquer aspecto por que as procuremos examinar.

No tocante ao gráo de cultura que apresentavam, nao será fácil tambem informar com exatidão. As multidoes primitivas da Amazonia, na generalidade indicadas como numa infancia de cultura, só na actualidade têm sido examinadas dentro dos rigôres técnicos da anthropologia cultural. Aquelles indios negativistas que encontramos registrados pelos primeiros cronistas, que só viam o nativo como um homem inferior, desprovido de conhecimentos apreciaveis, porque êsses conhecimentos nao se bitolavam pelos conhecimentos da ciência europeia, só na actualidade têm sido avaliados na devida proporção, dõesses inquéritos e pesquisas já se estando a concluir que os grãos de cultura em que elles viviam nao eram tao baixos como se imaginou, como tambem nao possuem aquella riqueza de modêlos ou de aspectos que singularisaram as culturas das gentes do Perú, do Mexico e da Colombia.

Restos ou nao de grupos emigrados para a bacia amazônica, os primitivos da Amazonia, no setor brasileiro, estão classificados entre os Tupi-Guaranis, os Tapuias, Caribas, Nuaruaks, Panos, Betoias, Tucanos. Grosso modo, mais famosos os das familias Tupi e Nuaruaks, aquellos igualmente os que deram maiores contingentes para o povoamento.

Em contacto com o ambiente amazônico, poderosamente rico em agua e floresta, Tupis, Nuaruaks, Caribas, naturalmente condicionaram sua existência ao imperativo do espaço assim caracterisado. Utilisaram as espécies da flora na confecção de suas particularidades culturais, como utilisaram as aguas regionais para caminhar, ir às guerras, nutrir-se do pescado, mover-se, enfim, nêsta ou naquela direção. Quasi todos os povos amazônicos, por isso mesmo, foram canoeiros habilíssimos, alguns deles, como os Camutá do Tocantins, os Cabeças do Solimoes, e os Mura do Madeira-Purus, distinguindo-se dos demais habilidades assembrosas por que construíam e guiavam suas embarcações. Para recordar um acontecimento histórico, basta referir que foi com a ajuda técnica dos Camutá que Pedro Teixeira e seus companheiros, entre 1637-1639 subiram o Amazonas-Napo-Aguarico até quito, e os desceram a Belém, realisando a façanha homérica do desbravamento da alta hinterlandia amazônica. Os Mura, gente de curso, durante mais de um século assaltaram as expedicoes lusitanas, atacaram os povoados montados à beira rio, em correrias fluviaes que fizeram epoca e serviram para que zombassem da energia das autoridades civis e militares que tentavam contê-los e castiga-los. De tal maneira famosos, permitam que mereceram as rimas de um poema hercico, -"A Muraida", escrito pe-



pelos extratores de produtos naturais. O Tocantins-Araguaya, por algum tempo foi considerado como uma bacia autônoma. Suas águas teriam vindo associar-se às da bacia amazônica sem vassalagem, antes num paralelismo de forças. Já hoje o incorporamos ao sistema do Amazonas, pelas águas do chamado rio Pará.

No vale dos rios Branco e Negro, as turmas das várias comissões brasileiras de limites têm realizado reconhecimentos integrais. Na atualidade mesmo, a primeira divisão demarcadora, sob a direção do comandante Braz Dias de Aguiar, operando em zonas novas, fez o levantamento do Demeni, do Uraricoera, do Mucajá, do Pedauri e do Parima e reconheceu o Lobo d'Almada, o Cunha Vilar, o Melo Nunes e o Couto de Magalhães, que só agora passam a figurar nas nossas cartas geográficas. O Parima e o Uraricoera, o Mucajá, o Pedauri não possuíam manadeiros conhecidos. Esses manadeiros foram atingidos pelas turmas brasileiras da comissão demarcadora, primeira divisão, nos três últimos anos. Revolução geográfica evidente a que está realizando a bravura e o divismo dos homens que servem sob a direção do comandante Braz Aguiar. Revolução geográfica, todavia, que ainda não está encerrada, dado que a outros imensos trechos da Amazonia que ainda não se beneficiaram dos olhares da ciência para os quadros da geografia.

Dissemos que o Amazonas destroe e constroe. Destroe por que na época do crescimento das águas, inunda vastíssimas áreas onde vivem os rebanhos, onde se faz a pequena agricultura de intenção alimentar, matando os rebanhos, destruindo as lavouras. O fenómeno das terras caídas toma proporções nesse período: enormes trechos das margens altas do rio e seus afluentes desabam, comidas pelas águas, tudo arrastando, inclusive gigantescos espécimens da flora regional.

Constroe, porque na descida das águas, fertiliza, com os sedimentos vários que deixa sobre as margens, permitindo aquelas lavouras alimentares que garantem ao homem o necessário para a atividade que ele realiza sobre a floresta. Essas margens baixas, e assim tão úteis, lavadas e adubadas são as varzeas, que por tal se distinguem das chamadas terras firmes.

A floresta amazônica é uma das mais esplendorosas e extensas do mundo. Ora é atingida pelas águas da bacia do Rio-Rei, ora fica fora da invasão dessas águas. "Nas terras firmes, a coloração é verde escura, escreve Alfredo da Mata, identificando-se o espaço, além do mais, pela presença de indivíduos botânicos como a castanheira, o caunho, a hevea, etc. A escassez de palmeiras é sensível. As matas de varzea não apresentam a mesma pujança e estão sempre ameaçadas de destruição pela voracidade das águas. Mas como as terras firmes, guardam imensas riquezas selvagens representadas por tipos de hevea, urucuris, samaumeiras, açacuzeiros e canaranas.

Nas terras firmes, encontram-se milhares de indivíduos da fauna econômica da região. Como nas águas do Solimões, do Purús, do Rio Branco, habita uma população de alguns milhares de espécies ictológicas, como o pirarucu, o peixe-boi, a tartaruga".

O cenário amazônico tem sido objeto de uma literatura intensa e nem sempre exata. Seu descritivo é difícil. As mil particularidades fisiográficas, representadas nos rios, nos lagos, nos paranás, nos igarapés, as mil particularidades fitogeográficas e zoogeográficas criaram para a Amazonia a situação particular de um mundo de singular fisionomia, sintetizável em águas abundantes, florestas gigantes, humanidade escassa, fauna riquíssima, economia destrutiva.



A vôo de pássaro, essas nossas afirmativas podem ser melhor compreendidas ou apreciadas. Mesmo porque da amurada das embarcações que sulcam as águas amazônicas só de leve se pode colher a impressão exata do que representa, na vida regional, e lhe dá feição fundamental, esse conjunto de águas e essa densidade florestal.

A extensão territorial da Amazonia brasileira assenta em mais de três milhões e meio de quilômetros quadrados. Nêsse espaço gigantesco, o homem está representado em apenas cêrca de um milhão e meio de indivíduos. O espaço ocupado pelas águas e pela floresta, em consequência, continúa dominante.

Falamos em região de campos naturais. Essas regiões localizam-se na ilha do Marajó, no Baixo Amazonas, nas cercanias da fronteira com a Guiana Holandesa, no vale do Rio Branco, na Guiana Brasileira que se estende do litoral atlântico em direção ao Jarí, entre o Madeira e o Purús, trechos dos municípios de Labrea e Humaitá. Esses campos não são continuados. Espaçam-se muito, pela penetração da floresta. Têm sido aproveitados para a fundação de estabelecimentos pastoris, principalmente os do Marajó e os do Rio Branco.

Os geógrafos brasileiros dividem a Amazonia em três zonas: a boreal serrana, a central e a das grandes matas do sudoeste. Na primeira, há um relevo granítico acentuado. Aí está localizado o que chamamos o sistema guiano ou parimo, identificável facilmente pelos dois trechos do maciço guiano. Três grandes bacias têm seus divisores de água nessa zona: a do Amazonas, pelas águas dos rios Branco e Negro; a do Orinoco, cujas nascentes são uma descoberta realizada, há meses, pelos bravos servidores da ciência que são os membros brasileiros e venezuelanos das comissões mixtas demarcadoras da fronteira norte, e a do Esequibe-Rupununi.

Na segunda, onde a depressão é visível, as ondulações do terreno são apagadas, apenas aflorando, podemos assim dizer, em pequenos tabuleiros, entre o Parú e Parintins. É essa zona pontilhada por ilhas de todos os tamanhos e por lagos em quantidade infinita. São aí os famosos estreitos de Breves. Mais acima, o rio sofre uma angustura, na altura de Obidos, angustura violenta em face das proporções de largura dos demais trechos fluviais.

Na terceira zona, vamos caminhando em ascensão. Os rios rumam para os chapados matogrossenses ou tomam a direção da cordilheira andina. É a zona por excelência da floresta. Os campos rareiam. A riqueza dominante é a hevea brasileira. Alguns dos rios que correm aí estão ainda em formação de leite.

A temperatura nessas três zonas não é de todo igual. Embora integrando a zona equatorial, quente e húmida na generalidade, no trecho serrano, como no trecho da mata sul, o calor perde muito de seu vigor. As estações são duas apenas: inverno e verão. O inverno começando em novembro e o verão em maio. A temperatura média em Belém é de 25°,6; em Manaus, 26°,6.

O Amazonas corre em direção ao Atlântico fertilizando e destruindo. Seus afluentes mais vigorosos, de maior rede, estão na margem direita. São o Javari, o Juruá, o Purús, o Madeira, o Tapajós e o Xingú, que se dirigem para Mato Grosso e para a Bolívia e Perú. Pela margem esquerda os afluentes são o Içá, o Japurá, o Negro, o Uruubú, o Nhamundá, o Trobetas, o Jarí e o Parú. Dêsses rios, o Urubú, o Nhamundá, o Trombetas, o Parú não foram percorridos em toda a extensão. Continuam domínio do gentio, habitados que são apenas no baixo curso



Handwritten signature in Arabic script, likely a name like 'Abdullah' or 'Muhammad', written diagonally across the top right corner.

Rectangular stamp or box, possibly containing a date or administrative marking, located in the upper left quadrant.

Rectangular stamp or box in the bottom right corner, containing the word 'FOLIO' and some illegible markings.





# AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

## Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : [acervodigitalsec@gmail.com](mailto:acervodigitalsec@gmail.com)**

